

REFLEXÕES ESTÉTICO- TEOLÓGICAS SOBRE A SÉRIE DE PINTURAS “*TODO SANTO DIA*”, DE PRISCILLA PESSOA

REFLEXIONES ESTÉTICO-TEOLÓGICAS SOBRE LA SERIE DE PINTURAS “*TODO SANTO DIA*”, DE PRISCILLA PESSOA

Wudson Marcos¹

resumo

Partindo da série de pinturas *Todo Santo Dia*, de Priscilla Pessoa, este artigo trará reflexões estético-teológicas sobre as imagens apresentadas. Além da série mencionada, algumas obras de séculos anteriores também serão discutidas, no intuito de produzir correlações entre as produções da artista contemporânea e pinturas clássicas da Iconografia Cristã. O principal foco deste trabalho é comparar as tradicionais representações metafísicas dos mitos cristãos com a abordagem mais humana e banal apresentada por Priscilla Pessoa. A tentativa consiste em mostrar como o divino pode manifestar-se no cotidiano ordinário, diferente das sacralizações de espetáculos desmaterializantes.

PALAVRAS-CHAVE: *Todo Santo Dia*. Priscilla Pessoa. Estética. Teologia.

resumen

A partir de la serie de pinturas *Todo Santo Día*, de Priscilla Pessoa, este artículo traerá reflexiones estético-teológicas sobre las imágenes presentadas. Además de la serie antes mencionada,

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Pós-graduado (especializações) em Orientação Educacional, Sociologia e Ensino Religioso pela Faculdade Dom Alberto; Mestrando em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: wudsonmarcos@gmail.com

también se discutirán algunas obras de los siglos anteriores, el objetivo es producir correlaciones entre las producciones del artista contemporáneo y las pinturas clásicas de la iconografía Cristiana. El enfoque principal de este trabajo es comparar las representaciones metafísicas tradicionales dos mitos cristianos con el enfoque más humano y banal presentado por Priscila Pessoa. El intento consiste en mostrar cómo lo divino puede manifestarse en la cotidianidad ordinaria, diferente a la sacralización de las exposiciones desmaterializantes.

PALABRAS CLAVE: *Todo Santo Dia*. Priscilla Pessoa. Estética. Teología.

introdução

Nascida em 1978, na cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul (MS), Priscilla Pessoa² é uma artista plástica cujos trabalhos passaram a compor exposições, galerias e diversos eventos artísticos desde 2004. Residente e atuante em sua cidade natal, já teve suas obras expostas em vários lugares do Brasil. Participou, em 2017, do XI *Mulier Mulieiris* em Alicante, na Espanha. Ela também trabalha como professora no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

São vários os projetos desenvolvidos por Priscilla Pessoa³. Neste artigo abordarei o conteúdo de sua série de pinturas intitulada *Todo Santo Dia* (2015). Acessando o site da artista e visualizando alguns projetos, deparei-me com esse que foi mencionado e senti-me atraído pela proposta. Falando sobre as pinturas da série, ela diz que "Todas trazem sutis elementos de iconografia cristã e títulos que conversam tanto com a imagem como também com passagens bíblicas" (PESSOA, 2015). A maneira como é feito esse diálogo mostrou-se bastante perspicaz. Ela diz: "[...] assim cada obra toma como ponto de partida uma narrativa extraída da Bíblia e apresenta-se como uma nova narrativa" (PESSOA, 2015).

É esse *apresentar-se como uma nova narrativa* que será o ponto de partida para as reflexões que tecerei. Em seus títulos, ao fazer evidentes referências a obras religiosas clássicas, como em *Anunciação* (Imagem 2), por exemplo, a artista evoca o sagrado, o ressignificando, construindo um episódio menos metafísico e mais humano. Este trabalho terá a exibição de seis imagens da série *Todo Santo Dia*, todas elas disponíveis no site da artista⁴ e algumas imagens de pinturas de séculos anteriores. Não serão trabalhadas todas as pinturas da série (doze) devido ao espaço

2 Bacharel em Artes Visuais, Especialista em Imagem e Som, Mestre em Estudos de Linguagem e Doutoranda em Estudos de Linguagem (UFMS).

3 Para conhecer mais sobre os trabalhos dessa artista, acesse o site <<https://www.priscillapessoa.com/>> Acesso em 24 de abril de 2021.

4 <<https://www.priscillapessoa.com/>> Acesso em 24 de abril de 2021.

circunscrito a elaboração de um artigo. Enquanto a obra de Priscilla Pessoa será analisada com base na descrição da artista em relação ao seu significado - e também nas correlações feitas pelo próprio autor deste artigo -, as obras de outros artistas serão utilizadas como pinturas comparativas, principalmente em relação aos aspectos metafísicos, ou mesmo de sua ausência, numa opção de arte mais próxima do que é humanamente banal.

As passagens bíblicas são fonte referencial de todas as narrativas aqui expostas em imagens. A tradução do Livro Sagrado utilizada será a *Bíblia de Jerusalém* (2015). Para reflexões que contemplem os mais variados diálogos que aqui aparecem, além dos temas estéticos e teológicos, será necessário discutir sobre metafísica, religião e humanidade. A tentativa é demonstrar, a partir do exemplo da série em questão, que o sagrado pode ser representado por imagens mais humanas, mais banais e, portanto, mais realistas.

a série *Todo Santo Dia*

Com imagens realistas, a série *Todo Santo dia* é constituída por pinturas de gênero⁵. Priscilla Pessoa construiu esses trabalhos como se fossem recortes fotográficos, retratando cenas que poderiam acontecer com ela mesma, com seus vizinhos ou com qualquer outra pessoa comum.

Entendendo-se a Bíblia como um livro mitológico e comparando-a com outras mitologias, ela é de longe a que mais centra-se nos humanos e passa-se quase inteiramente na Terra. Seus personagens invariavelmente são pessoas absolutamente comuns que viviam seus cotidianos quando algo sobrenatural lhes aconteceu. E são essas histórias sobre cotidianos tão distantes que, ao longo dos séculos (e das leituras e religiões construídas em torno delas), moldaram costumes, tradições e, de certa forma, a nossa forma de viver e enxergar a normalidade. Flagro quase sempre minhas personagens nesses momentos que antecedem os grandes saltos. Assim, nos momentos mais sagrados busco o mais banal e nas histórias divinas, o humano (PESSOA, 2015)⁶.

Assim a artista nos introduz à série. Não é evidenciada nenhuma intenção de construir uma nova teologia cristã a partir de suas pinturas. As "explicações" as quais tive acesso foram essas das citações e as que estão presentes na vídeo-exposição *Década de 10*⁷. Considerando que qualquer afirmação que eu fizer aqui corre o risco de ser total ou parcialmente "desmentida" pela artista,

5 Referida muitas vezes pelo termo francês *genre*, a classificação "pintura de gênero" não necessariamente diz respeito àquelas obras que focam nas performatividades masculinas, femininas, não binárias ou fluidas, como, por exemplo, na abordagem de Judith Butler (2021, p. 26) a respeito dos "significados culturais assumidos pelo corpo sexuado". A origem da conceitualização em questão remonta a produções modernas, notadamente de artistas holandeses do século XVII, nas quais eram representadas cenas domésticas e corriqueiras. A partir de então a pintura de gênero passou a ser mais notada e apreciada em vários outros países, com suas modificações correspondentes às especificidades de cada contexto histórico-cultural.

6 Disponível em <<https://www.priscillapessoa.com/todo-santo-dia>> Acesso em 25 de abril de 2021.

7 Vídeo-exposição dos principais trabalhos de Priscilla Pessoa produzidos na década 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rv-0_4tX9gk> Acesso em 10 de julho de 2021.

preciso esclarecer algo: as declarações deste artigo consistem em interpretações estéticas e teológicas específicas do autor, dentre muitas outras que existem ou venham a existir. Quanto a mim e aos referenciais teóricos aqui utilizados, temos a limitação de não sermos a totalidade de possibilidades existentes nos mundos possíveis. A própria artista, na exposição *Década de 10*, esclarece que prefere deixar em aberto o significado das pinturas para que os espectadores possam ter suas próprias experiências estéticas e interpretativas. Dito isso, podemos prosseguir com as reflexões.

No século VIII, notadamente no Oriente, muitos eram contra a utilização de imagens nos templos cristãos. A Iconografia, da palavra grega ícon, que significa “imagem”, foi eliminada na maior parte das igrejas no Império Bizantino. Os “destruidores de imagens” ou “iconoclastas”, como eram chamados aqueles que combatiam o uso das imagens supostamente sagradas, traziam à tona a ideia de que tais ícones seriam objeto de idolatria, ou seja, as pessoas estariam adorando as imagens, desviando-se, então, do culto exclusivo à Santíssima Trindade. O então Papa Gregório I defendia a necessidade das pinturas sagradas, afirmando que elas eram necessárias para fins didáticos. Seriam indispensáveis para que os analfabetos, que eram maioria na época, pudessem “ler” as mensagens do evangelho. Um grande grupo de defensores da Iconografia cristã foi ainda mais além, afirmando a necessidade espiritual das próprias imagens e não apenas de suas representações didáticas.

Para eles, as imagens não eram apenas úteis — eram sagradas. Os argumentos com que procuraram justificar esse ponto de vista eram: “Se Deus, em sua misericórdia, pôde decidir revelar-Se aos olhos dos mortais na natureza humana do Cristo, por que não estaria Ele também disposto a manifestar-se em imagens visíveis? Não adoramos essas imagens em si mesmas, como fizeram os pagãos. Adoramos Deus e os Santos através de suas imagens e para além delas” (Ernst GOMBRICH, 2012, p. 138).

O consenso a que chegaram, então, foi estabelecer padrões que demarcariam a produção dessa iconografia. Assim legitimavam-se como pinturas sagradas apenas os trabalhos consagrados por uma longa tradição. Na arte sacra cristã, portanto, os componentes do ícone passaram a ter simbologias mais específicas, como o significado das cores: azul é o sobrenatural; vermelho é a humanidade e o sangue derramado por Cristo e pelos santos; marrom – como o barro de onde viemos – é o humano; branco é paz e harmonia; dourado é a luz divina e a presença do próprio Deus (PESSOA, 2015, p. 5).



Imagem 1: Fra Angélico. *A Anunciação*, 1434, têmpera sobre madeira, 160 x 180 cm. Museu Curico, Cortona, Itália⁸.



Imagem 2: PESSOA, Priscilla. *Anunciação*, 2012, óleo s/ tela, 44,5x57cm.

A *Anunciação* (Imagem 1) de Fra Angélico, apesar de ser da Primeira Renascença (1400 – 1475), apresenta as mencionadas cores simbólicas tradicionais e as auréolas que divinizam os personagens da pintura. Além disso, a perspectiva dimensional da imagem e os elementos inertes que fazem fundo à cena principal, trazem a caracterização de um mundo platônico, distante do cotidiano humano. O episódio do evangelho de São Lucas⁹ onde o anjo Gabriel diz a Maria que ela engravidaria de Jesus, mostra uma manifestação do sobrenatural na vida de uma simples moça, de um povoado sem importância¹⁰. Nessa imagem, no entanto, torna-se mais notória

8 <<https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/a-anunciacao-fra-angelico/>> Acesso em 25 de abril de 2021.

9 *São Lucas 01: 26 – 38* In: BÍBLIA (2015).

10 Nazaré era uma localidade pequena, de economia totalmente agrícola, com uma população, no começo do primeiro século, em torno de 500 pessoas” (Flávio LEMOS, 2016, p. 7).

a divinização espiritualista do humano, apagando a constante mensagem da relação de auto esvaziamento da divindade em sua comunicação com os mortais.

O Evangelho apresenta uma mitologia onde a vida ordinária é, com certa frequência, visitada por acontecimentos espirituais. Isso porque a linguagem dos primeiros séculos, inclusive a judaica, era comumente carregada de figuras míticas. Misturava-se a vida dos personagens meramente humanos com aparições de anjos, ressurreições e outros diversos milagres. Não significa que os autores das narrativas necessariamente fossem charlatões que gratuitamente inseriam fantasias aos seus escritos. Mas trata-se da própria cosmovisão mítica da época que, desde as epopeias mais antigas, com naturalidade engrandece certas figuras humanas por meio de episódios mágicos, onde esses heróis e messias realizam eles próprios ou recebem a intervenção de aprovações divinas. As epifanias simbolizam uma espécie de atestado sobre a superioridade e singularidade dos personagens centrais dessas narrativas.

O teólogo Rudolf Bultmann (1987) desenvolveu a chamada *Demitologização*. Trata-se de um método de interpretação do Novo Testamento. Ele afirmava que, na modernidade, não faz mais sentido acreditar que certos fenômenos bíblicos tenham ocorrido de maneira literal. Por exemplo, os milagres de Jesus, a gravidez de uma virgem ou a ressurreição de Cristo. Se faz necessário ler o conteúdo mitológico da Bíblia e extrair dele apenas o *kerigma*, ou seja, a mensagem por trás da narrativa mítica, de modo que - sem desmerecer a grandiosidade do mito, mas também sem interpretá-lo de forma literal - possamos aplicar o evangelho à realidade factual. Assim, mesmo nas cenas mais icônicas, não é imperativo que se faça uma leitura literal, correndo assim o risco de diminuir uma das ênfases mais importantes do Evangelho: o contato do Divino Inefável com a efêmera humanidade.

A Igreja Hegemônica, há muitos séculos, escancara a pretensão de Poder e Transcendência Espiritualista Desmaterializada. Apesar do aspecto abstrato na ordem para negar a vida material e fazer uma árdua escalada até a perfeição celeste, a agressão das mãos espirituais religiosas pesam ao estrangular os corpos de muitos que se submetem a ela. Ou, muitas vezes, de tão "espirituais", certos religiosos acabam transformando-se em fantasmas omissos, apenas vagando com seus aterrorizantes sermões inaplicáveis à vida real. A simplicidade das pessoas que compõem vários dos textos sagrados é um dos principais sinais do caráter terreno do Evangelho. Basta observarmos o fato das narrativas bíblicas destacarem, com bastante frequência, o protagonismo de personagens que não tinham nenhum prestígio em seus contextos.

Essa dimensão mais acessível do sagrado pode ser vista em *A Anunciação* (imagem 2) de Priscilla Pessoa. A mulher está com um vestido comum, numa cozinha comum, com um fogão comum. Não há auréolas ou anjos. Há um forno com algo de muito errado, cheio de fumaça. Enquanto isso, imagino, a mulher está paralisada em seu espanto, no momento de dizer a um homem que está esperando um filho dele. E esse filho não é o Messias. Talvez ela esteja recebendo

uma notícia estarrecedora, como a morte de alguém que ama. A questão é: a fumaça que vai tomando conta da cozinha, aparentemente terá o poder de sufocar a moça, mas não tanto quanto a asfixia causada pelo anúncio que está sendo feito. O fato é que essa pintura mostra coisas que podem acontecer em qualquer lugar. Podem existir, na realidade, várias "anunciações" como essa. Nesse sentido, essa desespiritualização do episódio narrado por São Lucas, pode trazer uma representatividade mais acolhedora e catártica para a realidade humana.

Imagem 3: PESSOA, Priscilla. E agora, José? 2015, tríptico de aquarela, 60 x 40 cm cada.



Sobre a gravidez da Virgem Maria, que não era virgem, há inclusive a possibilidade do Menino Jesus ter sido fruto de um estupro que ela sofreu de algum soldado romano (Helena GUEDES, 2016). Jesus pode ter sido filho biológico de José. Pode ter sido filho de outro homem. Essas possibilidades não diminuem a grandiosidade da vida do Cristo, tampouco a de Maria. Ao contrário. Entre essas possíveis experiências – da concepção de um filho fruto do amor recíproco ao abominável estupro – ela pode representar experiências de várias mulheres que sofrem atualmente. Vê-se que, tanto em *A Anunciação* quanto em *E agora, José?* A artista apresenta essas mulheres sozinhas.

O mito bíblico diz que Maria de Nazaré, por intervenção do Espírito Santo, encontra-se grávida de Jesus antes mesmo de ter se casado com José. Logo, o que o pai adotivo do Cristo fez foi assumir um filho que não era dele, ato que poderia trazer-lhe difamação por causa da indecência do casal. Encorajado por um anjo, o homem assume o filho e, mesmo sem laços sanguíneos, torna-se o pai mundano de Jesus. Como seria se José não tivesse atendido ao chamado para

colocar-se ao lado de Maria? Tal qual as personagens das pinturas, a Virgem estaria sozinha, carregando o fardo de ser uma mãe solteira. Na época do Novo Testamento estar nessa situação longe dos padrões tradicionais de família, significava uma absoluta rejeição e rótulos de impureza e indignidade sobre a mulher, além desta se ver sem possibilidades de provisão financeira. Mesmo aqui em nossos dias a família sem pai é vista como incompleta e, como ocorre com mais de 11 milhões de mães brasileiras (IBGE,2020)¹¹, a mulher tem que arcar sozinha financeiramente, afetivamente e com todas as outras necessidades de seus filhos.

Há um filme brasileiro chamado *Divino amor* (2019), que conta a história de uma sociedade dominada pelos cristãos evangélicos conservadores. O ideal de família nuclear (pai, mãe e filhos) é uma lei religiosa inegociável e toda a organização das instituições visa gerir a reprodução dos casais monogâmicos e heterossexuais. Como a história se passa num Brasil de 2027, as tecnologias para controle e vigilância da população estão muito avançadas. O casal protagonista, depois de muitas tentativas frustradas, consegue engravidar. No entanto, quando a gestante faz o teste de DNA, descobre que o bebê não é de seu marido, nem de nenhum outro homem. Quando ela tenta contar ao pastor e ao companheiro sobre seu filho ser fruto de uma intervenção milagrosa, ninguém acredita na história. O marido a abandona e sua comunidade religiosa não aceita que ela esteja fora dos padrões familiares sagrados. O menino sem pai nasce e na narrativa a criança representa o próprio Messias. Mas dessa vez o Filho de Deus é insignificante, sujo, rejeitado e abandonado.

11 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0,43,43222,0,432360,432345,431550,430690,430930&cat=128,-15,-16,55,-17,-18&ind=4704>> Acesso em 11 de julho de 2021.



Imagem 4: RUBENS, Peter Paul. **Assunção da Santíssima Virgem Maria**, 1626¹².



Imagem 5: PESSOA, Priscilla. **Maria da Assunção**, 2015, óleo s/ tela, 45x80cm

O que aconteceria se José não tivesse assumido o filho que Maria concebeu com o Espírito Santo? Ironicamente, num mundo onde a ausência do pai e das regras familiares tradicionais tiram a legitimidade das vidas nascentes, o próprio Jesus passaria despercebido durante toda a sua bastarda existência. Então a imagem mais apropriada para representar a família esperando um filho seria – tal qual grande parte das famílias brasileiras – uma mulher angustiada e sozinha.

A Assunção da Virgem Maria como dogma¹³ foi oficializada pelo Papa Pio XII em 1950. A grandiosidade mística do céu e de suas criaturas, junto à Santa que paira luminosamente sobre os observadores atônitos, na obra de Rubens, vem como representante da desmaterialização de Maria, que se transforma em um Grande Espírito Imaculado. A despeito dessa imagem tão metafísica, há teólogas que defendem a Assunção como “revalorização da unidade indissociável corpo/espírito que dá um sentido absoluto a nossa história e nos permite interpretá-la como uma sucessão de segundas oportunidades” (Teresa Forcades I VILA, 2016, p. 97).

A *Assunção* pintada por Priscilla Pessoa mostra uma mulher estendendo roupas, em uma moradia simples e aparentemente pequena. A mulher logo vai descer da escada e, em breve, terá que subir de novo. É uma assunção que cansa e não tem ninguém como espectador para glorificar mais uma tarefa cumprida. Se para Teresa I Vila a assunção mostra uma sucessão de segundas oportunidades, provavelmente algumas pessoas torcem para que as novas oportunidades sejam

12 Disponível em <<https://historiadenossasenhora.wordpress.com/tag/apocrifos/>> Acesso em 16 de maio de 2021.

bem diferentes das primeiras e quebrem a monotonia ou pelo menos, seja lá o que existe além da tediosa matéria, ilumine os corpos que precisam lidar com os afazeres inesgotáveis da vida. Ou podemos dizer: é apenas mais uma mulher estendendo roupa.



Imagem 6: TREVISANI, Francesco. S.d. **O batismo de Cristo.** Newsan House, Inglaterra¹⁴.



Imagem 7: PESSOA, Priscilla. João. 2014, óleo s/ tela, cm.

O *Batismo de Cristo* (Imagem 6): um retrato da divindade de Jesus. Os céus abertos com o irradiar do Espírito Santo e o próprio Deus Pai como espectador de um episódio marcante na História da Salvação. Os rostos angelicais, não só dos anjos, mas também dos humanos ali presentes e o azul radiante do espetáculo celeste, um momento que contrasta com a materialização daquele que se fez de carne e osso e teve seu corpo desgraçadamente torturado.

14 Disponível em <<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Francesco-Trevisani/903178/O-batismo-de-cristo.html>> Acesso em 11 de julho de 2021.

Em *João* (Imagem 7) aparentemente Priscilla mostra a mesma *kitnet* da pintura *A Assunção* (Imagem 5). Mas dessa vez há mais detalhes na imagem. Até chegar na mulher que parece estar lavando o cabelo, nossos olhos precisam caminhar pelos azulejos, as várias louças sujas, as gavetas, a geladeira, a tábua de passar e um monte de outras coisas que formam o recorte desse momento corriqueiro. Enquanto João batizava o Messias num evento único na história, a mulher está fazendo algo que será refeito várias outras vezes. Não se ouve uma voz dizendo "Essa é minha filha amada que me traz muita alegria"¹⁵. A cada manhã o Espírito Santo não pode aparecer como pomba luminosa, até porque mesmo uma pomba poderia tornar a casa apertada demais. A única forma do Espírito aparecer aqui é se infiltrando no meio da bagunça inevitável, da falta de tempo e da angústia diária para a qual provavelmente não há resolução definitiva.



Imagem 8: PESSOA, Priscilla. **Ló e suas filhas**. 2014. Óleo s/ tela. 38x55cm.

Há uma passagem no Livro do *Gênesis*¹⁶ que fala sobre a destruição de Sodoma e Gomorra. Ló e sua família são visitados por dois anjos, na cidade de Sodoma. Vários homens se aproximam da casa querendo abusar sexualmente dos visitantes. Ló, então, pede que não façam mal aos seus hóspedes, em troca entregaria suas duas filhas para usarem-nas como lhes aproovessem. Rapidamente os anjos intervêm ferindo aqueles homens com cegueira. Em seguida, Ló é convocado para sair de Sodoma e advertido para que ninguém de sua casa olhasse para trás. Deus manda fogo e enxofre sobre as cidades condenadas enquanto eles fogem, a mulher de Ló desobedece a ordem divina, olha para trás e vira estátua de sal.

Naquele tempo era humilhante morrer sem deixar descendentes. Já que a mãe não mais podia ter filhos com o viúvo Ló, suas filhas o embebedam e têm relações sexuais com o próprio pai. Depois de um tempo elas, então, dão à luz a seus filhos-irmãos: Moab e Benê-Amon. Notemos

15 Paráfrase de *São Mateus 03:17* in: BÍBLIA (2015).

16 *Gênesis 19* in: BÍBLIA (2015).

que somente as mulheres não têm o nome mencionado, suas identidades são definidas enquanto posses do pai ou do marido, por isso suas identificações são "a mulher de Ló" e "as duas filhas de Ló".

O *Gênesis* apresenta grande número de narrativas míticas para explicar as origens da humanidade, dos patriarcas da fé e de seus descendentes. Nos relatos da criação e da queda¹⁷, Eva é a responsável por ser a primeira a comer do fruto proibido e dá-lo ao seu marido. Na narrativa sobre Sodoma e Gomorra, mantendo a culpa feminina, são as mulheres que violentam o pai, ao contrário do que ocorre com mais frequência ainda hoje – quando os pais abusam das próprias filhas¹⁸. Tratando-se de um relato não histórico, o autor teve mais liberdade para atribuir os papéis às personagens do mito. Escolheu, então, as filhas de Ló, ao invés do próprio homem, para serem as pessoas com atitudes reprováveis. Tanto que o incesto cometido pelas duas meninas é lembrado e condenado com mais frequência do que o fato de Ló – quando da visita dos anjos - ter oferecido as próprias filhas para sofrerem estupro coletivo.

Na pintura de Priscilla Pessoa (Imagem 8) o título *Ló e suas filhas* faz referência clara ao episódio mítico mencionado acima. No entanto, se a pessoa não conhecer a história bíblica, não conseguirá fazer a relação entre ela e a imagem dos gatos cometendo incesto. Mais uma vez o jogo entre imagem e título é fundamental na obra da artista. Para além da imagem produzida com as pinceladas, o título inserido traz consigo um conjunto de significados específicos, de modo que a intitulação por si só é responsável pela produção de imagens intensamente expressivas.

Quando se trata de animais, o incesto não é uma prática que causa tanto escândalo. Mas ao relacionar os gatos com a história de Ló fazendo sexo com as próprias filhas, a imagem dos animais pode trazer um incômodo maior do que normalmente ocorre quando vemos algo desse tipo. Os detalhes realistas da pintura aproximam o ato incestuoso ainda mais de uma cena factual – a grande garrafa de vinho, os azulejos (com um quadradinho faltando na parede), a aspereza dos rejuntas do piso vermelho, o liquidificador, a sanduicheira, a caneca, a embalagem de óleo, o tapete e a panela no pequeno móvel de madeira – tudo isso possibilita a aproximação mencionada de um ato repulsivo para dentro da realidade cotidiana.

17 *Gênesis* 01;03 in: BÍBLIA (2015).

18 Segundo pesquisa realizada em 2020 pelo Ministério da Mulher da Família e dos Direitos Humanos, pelo menos 40% das crianças e adolescentes que são abusadas sexualmente têm os próprios pais ou padrastos como agressores. Disponível em <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes>> Acesso em 11 de julho de 2021.



Imagem 10: CARAVAGGIO. **Judite e Holofernes**, 1599, óleo s/ tela, 144 cm x 195 cm¹⁹.



Imagem 11: PESSOA, Priscilla. **Judite se prepara**, 2014, óleo s/ tela, 38 x 55cm

A história de Judite é contada no livro homônimo presente entre os deuterocanônicos²⁰, no Antigo Testamento. Segundo o mito, o povo de Israel é ameaçado por Nabucodonosor, rei da Assíria, representado pelo exército do comandante Holofernes. Temendo a ruína da nação e o sacrilégio contra o Templo de Iahweh, o povo clama a Deus por socorro. Quem se levanta como resposta às súplicas é a viúva Judite. Ousadamente, essa mulher, apenas com a companhia de sua serva Bagoas, entra no acampamento do exército assírio e consegue chegar à tenda de Holofernes. Ela o envolve em sua conversa, embebeda-o e corta sua cabeça.

A pintura de Caravaggio (imagem 10) é bastante conhecida, embora muita gente não saiba que

19 Disponível em <<https://artrianon.com/2017/10/02/obra-de-arte-da-semana-judite-e-holofernes-de-caravaggio/>> Acesso em 10 de julho de 2021.

20 Deuterocanônicos são aqueles livros excluídos da Bíblia pelos protestantes no século XVI (*Judite*, *Tobias*, *Eclesiástico*, *Sabedoria de Salomão*, *I e II Macabeus*), mas que foram mantidos na versão Católica. Atualmente também encontramos esses livros em algumas traduções ecumênicas, como a própria *Bíblia de Jerusalém*, por exemplo, utilizada como referência no presente artigo.

se trata do retrato de um episódio do Antigo Testamento. Colocando a cena dentro da escuridão que marca o acontecimento narrado, o pintor usa seu *Tenebrismo*:

O artista milanês se tornou célebre por utilizar essa técnica para dar contorno aos corpos e expressões de seus personagens, carregando de luz e sombras suas pinturas de forte vigor naturalista, que geralmente representavam passagens bíblicas. Conhecido também por usar pessoas comuns como modelos, Caravaggio esteve no centro da arte Barroca, seguindo os apontamentos do Concílio de Trento (1545 -1563) para focar no realismo (Giancarlo COUTO, 2020, p. 4).

O sangue jorrando enquanto a cabeça do comandante é decepada, bem como a expressão de expectativa regozijante da serva diante da decapitação, constituem peças fundamentais nessa imagem de triunfo, não apenas de uma mulher sobre um homem, mas também dos fracos sobre os fortes que vieram para oprimi-los:

Mas o Senhor Todo Poderoso os repeliu pela mão de uma mulher. Pois o herói deles não caiu por mãos de jovens, nem filhos de titãs o feriram, nem gigantes o atacaram, mas Judite, filha de Merari, foi quem o desarmou com a beleza de seu rosto (*Judite 16: 05 - 06* in: BÍBLIA, 2015).

Embora a ênfase quanto às armas da heroína tenha sido colocada em suas características entendidas pela sociedade antiga patriarcal como propriamente femininas – as roupas, o cabelo, a beleza e a sedução (Maria Antônia MARQUES, 2008, p. 4) –, a narrativa traz também atitudes que demandavam qualidades geralmente atribuídas aos homens, como a coragem, a inteligência, a indignação diante das ameaças e a frieza para se doar até as últimas consequências no ato de proteger e lutar pelo bem de seu povo.

Caravaggio atualiza a cena da decapitação substituindo, nas duas mulheres, as indumentárias antigas por roupas de seu século (XVI). A pintura *Judite se prepara* (Imagem 11) de Priscilla Pessoa traz um retrato realista não só nas "roupas de ficar em casa", com os detalhes das dobras e amassados dos tecidos, mas também em relação ao desejo de muitas mulheres, que veem em seus próprios companheiros a figura daquele cuja cabeça deve ser arrancada. Os motivos possíveis são vários: agressão física e/ou psicológica; traição; embriaguez constante (que pode influenciar nos dois primeiros motivos) ou todas essas coisas ao mesmo tempo.

Esse recorte fotográfico, momentos antes que a mulher mate o homem, parece um dos melhores exemplos da seguinte fala da própria artista na exposição *Década de 10*: "E eu sempre tento fazer essas leituras nesse segundinho antes dessa coisa excepcional acontecer". Aqui a "coisa excepcional" não é o anúncio de um anjo, o batismo do Messias com os céus se abrindo, tampouco a assunção de uma mulher glorificada. O excepcional, que vem depois do recorte cênico, é a morte do homem. Diferente dos ápices das outras narrativas, as quais a série *Todo Santo Dia* faz referência, não há nada de sobrenatural no clímax anunciado pela imagem antecessora. A causa da estupefação transcendente não se dará na contemplação de seres celestiais ou

vozes divinas, mas no jorrar do sangue de um opressor. Assim como a personagem do Antigo Testamento foi a personificação de uma nação, a mulher sentada na cama, preparando-se, enquanto seu companheiro dorme, sem saber que está a um passo do sono eterno, pode ser a imagem icônica daquelas que só podem aliviar seu sofrimento quando a opressão por parte do homem não mais existir.

considerações finais

As pinturas de Priscilla Pessoa²¹, sem a pretensão de sacralidade, fornecem alguns retratos de pessoas cuja familiaridade pode despertar a sensibilidade para reconhecermos as/os outra/os também como pessoas humanas. As cenas realistas em *Todo Santo Dia* são mundanas e banais referências às narrativas mitológicas que, a despeito de suas aplicabilidades voltarem-se para pessoas comuns, foram elevadas (ou reduzidas?) pelo cristianismo hegemônico ao status de representações literais espetaculares do suprassensível. Em cada pintura vemos uma mulher sozinha, em sua própria casa. No caso das pinturas discutidas aqui, os dois momentos onde as mulheres não estão sozinhas mostram: referência a duas filhas em incesto, para não perderem a honra da família ao manter o nome de seu pai, e uma mulher que se encontra ao lado daquele a quem deseja matar. Talvez não seja tanto o desejo de matar, mas apenas o de vê-lo morto para que não mais seja oprimida.

Quanto a cada pintura que apresenta uma narrativa, pode-se transformar esses recortes fotográficos particulares em exemplos ou mesmo espelhos onde se contempla a própria solidão e monotonia. No meio da ansiedade, da agitação e das milhares de imagens que se nos apresentam, esse ato de paralisar um momento, fixando-se nos detalhes de suas humanas banalidades, auxilia-nos no processo de reconhecimento do outro como alguém que passa por situações parecidas com as nossas e que, portanto, precisa também de atenção amorosa. Há também a opção de se olhar as imagens como flagrantes do reality show mais realista de todos - a vida longe dos holofotes. O simples prazer de construir possíveis imagens fictícias de uma vida que se pode espionar, julgando e apresentando as soluções e condenações corretas para cada situação observada, pode também ser o âmago de muitas experiências estéticas, como provam os veredictos dos "juízes" da internet.

"O Verbo se fez carne e habitou entre nós"²². Talvez as construções do cotidiano introspectivo nas pinturas de Priscilla Pessoa possam, de fato, fazer com que nossos sentidos captem para

21 Para ver as demais pinturas da série *Todo Santo Dia*, a saber: *A mulher de Noé, Maria da Anunciação, Jorge, O dia do Divino, 5 momentos da Anunciação e Betsabá*, acesse o site de Priscilla Pessoa. Veja também a Exposição *Década de 10*. Nessa vídeo-exposição, além das falas da própria artista e de alguns convidados sobre a série aqui tratada, poderá conhecer também outros trabalhos realizados por ela.

22 *São João 1:14* in: BÍBLIA (2015).

além de apenas grandes grupos de oprimidos. Os mitos são comumente apresentados como imagens simbólicas de situações mais gerais, cujo modelo pode ser aplicado à realidade de várias pessoas diferentes. Ao transformar os episódios míticos em representações de cenas triviais, Priscilla Pessoa, de maneira realista, aproxima a pessoa que a observa, atingindo-a com seu próprio golpe autodesferido – que pode ou não ser acidental – pela identificação diante de uma cena que a toca diretamente, com uma peculiar representação de sua banal condição humana.

Considerando que a maioria das pinturas da série mostram mulheres como protagonistas, cabe aos homens, além de observar atentamente cada obra produzida pela artista e captar o que as próprias imagens têm a comunicar, ouvir o que as mulheres têm a dizer sobre os múltiplos significados de cada uma dessas imagens. Se a pintura de gênero mostra cenas que poderiam acontecer com qualquer pessoa comum, não se deve excluir a interação própria de cada interlocutor com as obras, mas também não se pode deixar de enfatizar que é bastante significativo o fato da pintora ser mulher e retratar mulheres em situações que lhes são mais comuns do que aos homens.

É preciso, em certo sentido, desesperitualizar o sofrimento, senti-lo no outro humano como uma diferente imagem e semelhança de si mesmo, sem essencializar as pessoas como se fossem apenas portadoras de um fragmento simbólico da dor ideal de seu grupo. Não se deve negar a importância das abrangências e identificações de características comuns entre grupos específicos. Mas também é preciso que se olhe para as imagens "sem grande importância" como realidades irredutivelmente peculiares, onde cada ser, em suas práticas mais banais, representa – em suas particularidades – as angústias de ser humano. Talvez o momento de irrupção do sobrenatural nunca apareça para iluminar o cotidiano. Por isso, se quisermos conhecer a santidade divina, que sutilmente engrandece cada dia monótono, teremos que olhar atentamente para as pequenas cenas triviais, enquanto damos cada passo de nossa comum caminhada mundana.

*A CONSTRUÇÃO
Eles ergueram a torre de Babel
Para escalar o céu,
Mas Deus não estava lá!
Estava ali mesmo, entre eles,
ajudando a construir a torre.
(Mario QUINTANA, 2006, p. 516)*

referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2015.

BULTMANN, Rudolf. **Demitologização** in: **Crer e Compreender.** Tradução: Walter O. Schlupp; Walter Altmann. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero.** Tradução: Renato Aguiar. 21ª ed. Rio de Janeiro:

Civilização brasileira, 2021.

COUTO, Giancarle. Todas as cores da Escuridão: por um Giallo Tenebrista. **Tríade: comunicação, cultura e mídia**. Sorocaba, v.8, n.18, p. 292-321, set 2020.

DIVINO amor. Direção: Gabriel Mascaro. Produção: Globo filmes. Brasil, 2019. (101 min.)

DÉCADA de 10. Vídeo-exposição. Direção: Ado Biagi. Produção: Priscilla Pessoa. Brasil, 2021. (49:07 min). Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=rv-0_4tX9gk&t=288s > Acesso em 12 de julho de 2021.

GOMBRICH, Ernst. **A História da Arte**. Tradução: Alvaro Cabral. 16ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GUEDES, Helena. Gravidez real de Maria: uma metodologia para afastar o machismo da fé crista. **RIBLA: Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana**. São Paulo, v.83, n.1, p. 55-67, 2021.

LEMOS, Flávio E. A. **O Jesus histórico e o messianismo sofredor**. Campo Grande: Seminário Batista Sul-Mato-Grossense, 2016.

MARQUES, Maria Antônia. **Beleza, Sedução e Morte: uma leitura exegética de Judite 16: 1-12**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

O'DONNELL, John. **Introdução à Teologia Dogmática**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PESSOA, Priscilla. **História da Arte II**. Apostila para disciplina do curso de Artes Visuais (UFMS). Campo Grande, 2014.

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

VILA, Teresa Forcades I. Os Dogmas marianos: o futuro da experiência cristã. **Studium: Revista Teológica**. Curitiba, ano 10, n.17, p. 89-98, 2016.